

---

## **Cacerolazos<sup>29</sup> na argentina: a cobertura midiática que desafia a teoria.**

**Guillermo Omar Orsi<sup>30</sup>**

Resumo: O presente artigo analisa a cobertura da mídia corporativa argentina, representada pelo maior jornal do país, o Clarín, sobre o mais relevante dos eventos de protesto do ciclo de Cacerolazos (manifestações antigovernistas) acontecido entre 2012 e 2014. Os Cacerolazos foram um ciclo de protestos que mobilizaram fundamentalmente as classes médias urbanas em rechaço ao governo da Cristina Fernández, mas que não apresentaram uma pauta central, a qual possibilitasse uma resposta do governo. O 8N, nome com o que ficou conhecido o protesto mais importante do ciclo por acontecer no dia 8 de novembro (de 2012), mobilizou mais de um milhão de pessoas ao longo do país e ocorreram, também, protestos simultâneos em diversas partes do mundo. A novidade para o cenário dos movimentos sociais argentinos foi a organização dos eventos, principalmente nas redes sociais (Facebook), sem a presença oficial de estruturas organizativas, como partidos políticos ou sindicatos, tipicamente os maiores articuladores de mobilizações no país.

Palavras-chave: mídia Corporativa, mobilizações sociais, redes sociais.

Abstract: This article analyzes the coverage of the Argentine corporate media, represented by the country's largest newspaper, Clarín, on the most relevant events of the Cacerolazos cycle (anti-government demonstrations) that took place between 2012 and 2014. The Cacerolazos were a cycle of protests who mobilized mainly to the urban middle classes in rejection to the government of Cristina Fernandez, but that did not present a central tariff that would enable a response of the government. The 8N, known as the most important protest of the cycle, to be held on November 8 (2012), mobilized more close to one million people throughout the country and simultaneous protests took place in several parts of the world. The novelty for the scenario of the Argentine social movements was the organization of events mainly on social networks (Facebook) without the official presence of organizational structures, such as political parties or trade unions, typically the largest articulators of mobilizations in the country.

Keywords: Corporative media, social mobilizations, social networks.

---

<sup>29</sup> Panelaço.

<sup>30</sup> Licenciado em Ciência Política formado na Universidade de Buenos Aires. Mestre em Sociologia Pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa movimentos sociais e mídia.

## Introdução

Nas ciências sociais têm se apontado duas visões sobre a relação entre a mídia corporativa<sup>31</sup> e os protestos ou manifestações sociais, as quais a mídia nunca contribui no sucesso das manifestações.

A controvérsia teórica situa-se no entendimento da função da mídia para as principais referências do campo de estudo de movimentos sociais, que tendem a identificar na mídia um inimigo, mais do que um aliado dos movimentos/protestos ou um espaço que pode ser atingido pelos movimentos, se são adotadas as estratégias certas. Para alguns a mídia corporativa aparece centralmente como um adversário dos movimentos sociais (LEAL, 2005; MORAES, 2013) e para outros, como um espaço parcialmente permeável aos interesses dos movimentos e que pode ser ocupado por eles, se utilizados os métodos corretos (FRANCO LERRER, 2005; KENNETH; CAREN, 2010; MIGUEL, 2002).

No presente trabalho, procura-se identificar qual foi o papel desempenhado pela mídia argentina (particularmente o jornal Clarín<sup>32</sup>) durante o ciclo de manifestações conhecido como Cacerolazo, que teve lugar neste país entre os anos de 2012 e 2014, entendendo que as visões predominantes no campo não conseguem dar conta dos acontecimentos argentinos.

A visão adotada neste trabalho, então, nos aproxima dos poucos autores que têm se questionado se haveria outra agência possível para a mídia. Entre eles um aspecto importante que adquire destaque é o papel das mídias como protetoras do status quo, dos interesses das classes dominantes e, portanto, vinculadas a ideologias de direita ou conservadoras. Segundo alguns autores, isso aconteceria de um lado, porque os donos dos veículos orientam-se por seus interesses empresariais e de outro, haveria uma pressão das empresas que financiam o veículo mediante os anúncios publicitários. (DE LIMA, 2015; GAGO, 2014; RAMONET, 2013).

Consideramos também a visão do Koopmans (2004) e do Baylor (1996) que apresentam os comportamentos midiáticos como fruto do próprio funcionamento das mídias e não como resultado de uma decisão ou intencionalidade dos atores. Assim, conforme Koopmans (2004, p. 380), a defesa do status quo acontece naturalmente no veículo midiático, visto que são apropriadas certas “rotinas midiáticas”, “valores midiáticos” e a “cultura editorial”, que conduzem a cobertura dos eventos para as falas “autorizadas” ou institucionais (políticos, sindicalistas, polícia etc.)<sup>33</sup>. Enquanto que Baylor (1996) adiciona uma terceira dimensão, a do “sentido comum” ou “preconceito”, que os jornalistas (e a mídia) possuem e que faz com que enquadrem os acontecimentos de determinadas formas, outorgando para

---

<sup>31</sup> Entendendo-se por mídia corporativa “os jornais e revistas de maior circulação, bem como, sobretudo, as concessões de rádio e televisão controladas por grandes capitais” (NOGUEIRA PRADO, 2014).

<sup>32</sup> Que é o de maior divulgação no país.

<sup>33</sup> Todas as citações foram traduzidas para o português pelo autor.

alguns temas uma centralidade maior do que a merecida e ignorando outros. É interesse do trabalho atender também essas questões e mostrar como, e se, elas agiram no contexto dos Cacerolazos argentinos.

O modelo de análise utilizado na presente pesquisa propõe que, em certos casos (como os Cacerolazos), a mídia corporativa opositora age direta e indiretamente sobre a sociedade na defesa e legitimação das mobilizações. O presente artigo surge do trabalho da minha dissertação de mestrado<sup>34</sup> e analisa com base na visão predominante, colocada acima, a cobertura midiática feita pelo jornal argentino Clarín sobre o pannelo acontecido no dia 8 de novembro de 2012, considerando para isso as matérias produzidas do dia 9 ao dia 13 de novembro de 2012, nas quais se fez referência ao evento. A extensão do período de análise corresponde à concentração de matérias relativas à manifestação, que começam sumir do jornal a partir dos quatro dias seguintes ao seu acontecimento.

A análise parte das dimensões teóricas que Kaibin Xu (2013) aponta para o estudo da cobertura midiática de protestos. São trazidas aqui somente as matérias mais representativas para cada uma das dimensões da teoria que o jornal produziu sobre o evento em cada edição. A totalidade das matérias encontradas não é colocada aqui por questões de espaço, mas encontra-se na referida dissertação.

A escolha de Xu (2013) dentre os vários autores que analisam o papel “negativo” da mídia frente aos protestos diz respeito à clareza com a que o autor lista as diferentes dimensões que contribuem à visão midiática dos protestos.

### **As dimensões teóricas diante das publicações do Clarín**

Para a análise da interpretação da mídia sobre os manifestantes e a manifestação no período pós-evento (que abrange os conteúdos veiculados entre os dias 9 e 13/11/2012), foram utilizadas as dimensões propostas do trabalho de Xu (2013) que procura explicar a forma como a mídia se relaciona com o protesto social. Para Xu (2013), as manifestações são enquadradas, em maior ou menor grau, negativamente pela mídia, e as dimensões desenvolvidas no seu estudo refletem o confronto da mídia com as mesmas, coincidindo com a maior parte das análises teóricas sobre essa relação.

É uma classificação desenvolvida sob o pressuposto de que mídia possui um “*protest paradigm*” (DETENBER; GOTLIEB; MCLEOD; MALINKINA, 2010; WOLF, 1999; XU, 2013) que leva a enquadramentos midiáticos negativos, e funciona como um mecanismo social de controle que debilita a influência dos protestos sociais na opinião pública. Como efeito do “paradigma do protesto”, a cobertura midiática esquece as condições sociais que deram origem e fundamentaram a mobilização ou protesto para se focar unicamente no evento (XU, 2013). Essa aproximação teórica representa a visão predominante sobre a forma como a mídia cobre os protestos sociais. Mesmo que a nossa proposta desafie estes pressupostos, é importante utilizá-la porque, primeiramente, representa um guia detalhado sobre os pontos

---

<sup>34</sup> Ativismo midiático: a atuação da mídia corporativa na produção dos Cacerolazos argentinos – o caso do 8N. UFRGS, 2017. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/handle/10183/170395](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/170395).

que devem ser considerados e, em segundo lugar, somente ao utilizá-la poderemos sustentar que o caso estudado não se adapta a esse enquadramento teórico.

Nesse sentido, as matérias sobre a manifestação serão avaliadas nas seis dimensões apontadas por Xu (2013): ilegalidade/baderna, performance, inefetividade das demandas, desaprovação pública, fontes oficiais e impacto negativo.

A primeira dimensão, a ilegalidade, diz respeito ao destaque dado pela mídia à relação entre os manifestantes e a polícia, e a violência ocorrida (ou potencial) entre eles. Para Xu (2013), a cobertura da violência acontece inclusive quando somente uma parte reduzida dos manifestantes exerce algum tipo de ato violento, esquecendo-se a maioria dos manifestantes que tendem a atuar pacificamente. A ênfase no conflito com a polícia teria a função de esconder o real conflito expresso pela manifestação (o efetivo alvo do protesto). Esse enquadramento também costuma definir os manifestantes como “buscadores de problemas” ou anarquistas, e a polícia, como responsável, mantenedora da ordem e reagindo à violência dos manifestantes. Assim, associando manifestações à ilegalidade e à baderna, os enquadramentos midiáticos atuam diretamente na deslegitimação pública das manifestações.

No Cacerolazo a legalidade do evento não foi questionada pelo jornal, que desde o dia 9 destacou o evento como “mobilização popular”. O sentido dado à palavra “popular” está próximo dos conceitos de “cidadãos” ou “povo”, todos carregados positivamente, longe dos conceitos de “baderneiros”, “piqueteiros” ou “militantes”, usados em outras manifestações. Enquanto a “ilegalidade ou baderna”, ligada às possíveis ameaças à ordem social, assim como comportamentos violentos e conflito com a polícia, não foram noticiados pelo veículo. O único ato violento reconhecido (ataque contra jornalista do C5N) é apontado como um fato isolado, dando maior importância para as maiorias pacíficas.

A cobertura do evento começa na capa do dia 9, onde é colocado que: “centenas de milhares de pessoas se mobilizaram pacificamente nas principais cidades”. No editorial desse dia, escrito por Ricardo Roa, em negrito, foi ressaltado que todos os manifestantes compareceram **pelos próprios meios** (a crítica direta refere-se à mobilização partidária acusada de “levar” os “pobres/militantes” em ônibus), e levaram cartazes caseiros. Posteriormente em uma das matérias foi reforçada essa ideia: “sem lideranças, sem espaços físicos de organização e sem dinheiro”, ressaltando a importância da organização nas redes sociais (*Facebook e Twitter*).

Ainda no dia 9, Marcos Novaro, autor de uma coluna, aponta que os manifestantes “se esforçaram para evitar os insultos e desqualificações” que, conforme sua visão, foram o foco da análise da mídia oficial nos eventos anteriores<sup>35</sup>, mas, mesmo assim, ainda de forma marginal. Aponta, também, que os manifestantes “fizeram fracassar a polarização induzida pelo governo”. Nesses trechos o jornal coloca a incitação à violência, não nos manifestantes, e sim no governo nacional.

---

<sup>35</sup> Lembre-se que o painel de 8 de novembro foi o evento de maior destaque dentro de um ciclo de mobilizações mais amplo.

No dia 10, o jornal publica uma matéria onde é referido o posicionamento de ADEPA e FOPEA<sup>36</sup>, que rechaçaram a agressão sofrida pelo jornalista de C5N. Novamente o jornal põe em destaque a participação “cidadã” nas redes sociais, desvinculadas da política partidária.

Já no dia 11, há uma notícia de página completa, assinada por Santiago Fioriti, que descreve os manifestantes como pacíficos. O foco da matéria é uma enquete que indicaria a grande porcentagem de votantes de Cristina que estiveram presentes no protesto. Ali são expostos vários posicionamentos de diversas consultoras de opinião, focadas na imagem da presidente. No mesmo dia há, também, um artigo de dupla página escrito pelo político opositor (ao governo federal) Júlio Bárbaro, no qual analisa o Cacerolazo, atribuindo às ações do governo o sucesso da manifestação: “o governo reagiu (à mobilização anterior) sem grandeza e as cadeias (rede nacional) acabaram incitando outra mobilização”. Bárbaro conclui que “o autoritarismo não tem ideologia e, aliás, não é do gosto do nosso povo” (o autor repete a frase já expressa na sua coluna do dia 10 de outubro de 2012, anterior à mobilização).

Continuando com a cobertura do evento, no dia 12 é noticiada a reportagem do protesto feita pelo programa televisivo “PPT”, do jornalista opositor Jorge Lanata<sup>37</sup>, intitulada de “gigantesca mobilização”, na qual se coloca que o “fenômeno que superou as previsões em relação à quantidade de gente, o [caráter] pacífico do protesto e das suas demandas deu lugar a um amplo debate sobre a dívida pública e privada da argentina”. A notícia aproveita o “gancho” da mobilização para criticar o governo nacional. Logo, na matéria, e presumivelmente no programa televisivo, fala-se que a dívida pública “paga-se com o dinheiro dos aposentados”<sup>38</sup>, entre outras críticas às políticas públicas que justificam a mobilização.

A segunda dimensão, a performance diz respeito ao destaque dado pela mídia às formas de vestimenta (divertidas, estranhas, assustadoras) e à reduzida idade e imaturidade dos manifestantes. Constitui-se, assim, um “*freak show*”, que oculta a seriedade das demandas e dos atores mobilizados, e a cobertura se concentra mais em descrever as características pessoais dos manifestantes do que nas demandas mobilizadas.

Em relação com a dimensão da performance nas matérias analisadas, aponta-se para a diversidade dos manifestantes no Cacerolazo em termos de idades e classes sociais, se destacando a presença de “famílias” e recolhendo depoimentos tanto de jovens desempregados quanto de aposentados. A maioria das reportagens lembra e justifica as pautas que motivaram a mobilização. O jornal evitou noticiar as performances mais chamativas ou “menos sérias”, não acontecendo a esperada ridicularização dos manifestantes.

---

<sup>36</sup> Duas entidades gremiais jornalísticas.

<sup>37</sup> O programa é divulgado pelo canal 13, propriedade do Grupo Clarín e o próprio Lanata tem uma coluna própria no jornal todos os sábados.

<sup>38</sup> No início do governo da Cristina Kirchner, foram estatizadas as aposentadorias privadas e foi constituído um fundo de investimento federal, que começou a financiar além das aposentadorias outras necessidades do governo. Com a troca de mãos deste fundo, várias empresas, incluindo o Clarín, perderam a possibilidade de fazer negócios.

No dia 10, o reconhecido jornalista opositor, Jorge Lanata, analisou a “qualidade” dos manifestantes, apontando que estes não foram “militantes” e sim “cidadãos”, como se os vínculos organizativos pudessem diminuir a importância ou validade das demandas mobilizadas. O autor coloca que os manifestantes se mobilizaram: “sem lideranças que os levaram, sem ônibus, nem viáticos e sem medo de perder o emprego”. O colunista analisa o argumento do governo que “se posicionando ele próprio na esquerda apresentava o protesto como o nascimento de uma nova direita. O reducionismo oficialista somente ajudará a dificultar ainda mais as coisas...”.

Fora o destaque dado à produção caseira dos cartazes e a participação de famílias de diversas classes sociais não são feitas mais referências às performances ou aspectos dos manifestantes. As características em destaque procuram diferenciar os Cacerolazos de outros protestos sociais e mobilizações anteriores negativamente enquadrados, por isso a falta de vínculos organizativos e partidários é apontada várias vezes.

As demandas dos manifestantes, conforme Xu (2013), em geral são noticiadas de forma a destacar as divergências internas do movimento em relação aos objetivos e são ressaltadas as demandas mais radicais ou engraçadas. O objetivo desta cobertura é reduzir a legitimidade e seriedade das demandas dos manifestantes que as mobilizam.

Em relação com as demandas nas matérias analisadas, tem destaque a razoabilidade das pautas mobilizadas nos Cacerolazos e os depoimentos recolhidos celebram a participação e se orgulham dela. Mesmo que múltiplas, as reivindicações do Cacerolazo são colocadas já na capa do dia 9: “As pessoas rejeitaram a reeleição, a insegurança, a alta inflação e a corrupção”. E posteriormente ao editorial, as pautas colocadas na capa, o autor (Roa) adiciona que, “as pessoas se revoltam com a soberba”<sup>39</sup> demandam “mais democracia, respeito à justiça (judiciário) e à Constituição”.

A dimensão contempla a ineficiência das demandas mobilizadas, porém esta não está vinculada à cobertura midiática, à abrangência do pedido por “democracia”, e sim à interpretação que o governo faria das mesmas. Os jornalistas duvidam da capacidade de “ouvir” as demandas por parte da presidente e inclusive apontam que, como anteriormente, não dará resposta a elas.

No editorial do dia 9, Ricardo Roa ocupou-se também de desmontar as caracterizações que, segundo ele, o governo teria feito do protesto: “pessoal de ultradireita”, “gente bem vestida”, “só se interessam por Miami”. Finalmente pergunta-se se o governo irá “ouvir” o clamor, particularmente na figura da presidente Cristina Kirchner, “será que é capaz de ouvir?”, mas ele mesmo responde: “Cristina tem se viciado em irrealidade. E não concebe outra forma de enxergar as coisas da que ela tem”. Além disso, o artigo de opinião do Eduardo Aulicino, dessa edição, irá apontar, inclusive, que a posição do governo é reacionária na sua concepção da democracia, após alguns funcionários apontarem para a resolução dos conflitos nas eleições.

---

<sup>39</sup> Da presidente Cristina Kirchner.

Em relação à atuação do governo, na época, focalizou as suas críticas na demanda pela livre disponibilidade de dólares (que tinha sido limitada por ele) e embora as interpretações do jornal apontem para a falta de centralidade desta demanda, ela é anunciada como causa mobilizadora por uma das cinco testemunhas publicadas no próprio veículo. O interesse por não aceitar a demanda pela livre disponibilidade de dólares como uma questão central estava vinculada com a interpretação do protesto, já que são só as classes médias e altas da população que se encontravam em condições de poupar em dólares.

Ainda na edição do dia 9, a charge que acompanha o editorial reproduz as críticas feitas ao governo, indicando que o governo não irá “ouvir” as pautas do protesto. A inefetividade das demandas não depende, na interpretação do jornal delas, senão da inação do governo.

Já no dia 11, por ser domingo, o jornal inicia com uma coluna humorística, na qual o autor, Alejandro Borensztein, justifica tanto as demandas como o desconforto da população que se mobilizou. Borensztein aponta que o protesto foi convocado a partir das redes sociais, mas que o “governo fez todo o possível para que fosse um sucesso”, para logo fazer uma contagem dos depoimentos de funcionários públicos que teriam incomodado a cidadania.

Na mesma edição, em uma notícia constituída por 15 imagens resumem-se 15 ações do governo que, segundo o jornal, teriam motivado a mobilização; a corrupção; a pressão ao judiciário e as formas (soberba) unem-se às demandas específicas do sindicalismo (redução do imposto ao lucro). A multiplicidade de demandas no protesto é justificada diante das injustiças e erros cometidos pelo governo.

Finalmente na edição do dia 13, uma nota feita ao titular do Partido Autonomista (partido pequeno sem impacto eleitoral), ele apontou que o Cacerolazo justificava-se porque “há cansaço das pessoas e na oposição também não temos sabido dar respostas”, e apontou para a série de demandas já noticiadas: “foi um ato de descontentamento com o governo pela inflação, a insegurança, o desemprego e a corrupção”, disse.

A aprovação pública do protesto é definida pela quantidade de pessoas que participaram do mesmo, aponta Xu (2013). Nesse sentido, a estratégia dos veículos midiáticos é enfatizar a baixa representatividade do evento, “demonstrando” pouco apoio público. Além disso, utilizam-se comentários negativos dos espectadores do protesto para reforçar a ideia do rechaço da população à mobilização (paralelamente, os espectadores que possuem visões positivas do evento são considerados como participantes). A cobertura enfatiza, assim, a desaprovação pública do protesto, apontando que não eram representativos do público, ou que o público não os apoia. Incluem-se, ainda, enquetes de opinião para sustentar as ditas afirmações, mas sem informação do modo como foram realizadas.

Em relação a essa dimensão, como já foi colocado, o jornal repetidamente aponta para a massividade da participação no evento e a heterogeneidade (como elemento positivo) do mesmo. A questão do número de participantes fica conflitiva no confronto entre as contagens da polícia federal e da polícia metropolitana, desde que cada uma delas responde politicamente a um governo diferente. Para o governo da cidade de Buenos Aires, controlado

por um partido opositor à Cristina Kirchner, o número de participantes foi muito maior do que para o governo nacional. A matéria que analisa este conflito, no dia 10, leva a pensar que a polícia federal está subestimando a participação, e não o jornal, que adota os números da polícia metropolitana.

Além disso, são publicadas diversas pesquisas de opinião que mostram a queda da imagem presidencial de Cristina Kirchner, e a alta adesão do público ao evento com uma baixa porcentagem de rechaço. Inclusive é apontado que uma porcentagem relevante de votantes de Cristina Kirchner participou do evento, sendo que supostamente teriam que ter sido contrários. Esses dados apontam para a aprovação pública do evento.

Também, como forma de apontar para a aprovação pública do evento a cobertura identifica diversos focos da manifestação: na frente da residência de Olivos (residência presidencial), no obelisco, “cruzamentos e avenidas” da capital e a área metropolitana de Buenos Aires, Córdoba, Rosário e diversas cidades do país, sendo as pautas principais, a duração e o horário do protesto, os mesmos em todos os locais. Também se noticiaram as manifestações ocorridas no exterior do país, em locais como Londres, Paris, Madri, Viena, Berna e Washington, “entre outras capitais”; ainda nos protestos protagonizados por argentinos residentes no exterior (e turistas), as pautas foram as mesmas.

Em uma coluna de página completa, do também editorialista Eduardo Van Der Koy, publicada no dia 11, analisa-se a situação da presidente, sugerindo que após a “imponente” manifestação ela teria perdido uma parte importante do seu capital político. Embora reconheça que a oposição ainda não consegue se apropriar do descontentamento contra a presidente, a matéria foca-se na queda da imagem presidencial e o argumento se sustenta em pesquisas que mostram a diminuição da imagem presencial e o conflito com o mundo sindical. No mesmo dia, um artigo do político antigovernista Rodolfo Terragno coloca que: “A cidadania desesperançada saiu a gritar seu desgosto pelo governo atual”.

As fontes da informação dizem respeito à seleção de quais “provas” embasam a versão dos fatos a ser transmitida. Para Xu (2013), as vozes “oficiais e autorizadas” (polícia, governo e lideranças empresariais) tendem a ser consultadas com maior frequência que os participantes das manifestações e as classes populares. A mídia faz isso tanto para adicionar prestígio à história quanto para manter o status quo, as autoridades costumam ter um posicionamento contrário aos manifestantes, já que é contra eles que o protesto acontece.

Em relação com as fontes da informação, contrariamente ao que pressupõe a teoria, o jornal noticiou, consultando as pessoas que se encontravam no evento. Nas matérias sobre o Cacerolazo foram consultadas fontes não oficiais, principalmente depoimentos dos participantes das manifestações. As fontes policiais são utilizadas secundariamente pelo jornal para medir a quantidade de pessoas que fazem parte da manifestação, mas o próprio veículo desconfia da informação oficial (acertadamente), já que o cálculo dos participantes que circularam no protesto (saindo e entrando em momentos diferentes) não permitiu uma contagem exata. Como fontes autorizadas foram referidos os depoimentos (e atividade nas redes sociais) de políticos da oposição ao governo da Cristina Kirchner, que serviram como



forma de reforçar e validar as opiniões dos manifestantes. Nesse sentido foi reproduzida uma publicação no *Twitter* do atual presidente da nação, Mauricio Macri, na época prefeito da cidade de Buenos Aires, onde parabenizou os manifestantes: “foi um dia pra se emocionar, para estar contente, porque o povo argentino fez por merecer orgulho”.

Assim a primeira notícia do dia 9 centra-se nos depoimentos dos manifestantes, suas características pessoais e motivações para a participação. Entre as pautas repetidas, sobressai o rechaço “à ditadura” e ainda “a fragata é nossa, não tua. Retorna-a”<sup>40</sup>. Outra das declarações aponta que quer que lhe permitam “fazer com seu dinheiro o que quiser, não como na Venezuela ou na Rússia de Stálin”. E outro diz: “odeio o nazismo e o terrorismo de Estado que há agora”.

A edição fecha com a publicação das cartas dos leitores, todas as quais se referem ao protesto: “foi o meu primeiro Cacerolazo”, “não é verdade que a única maneira válida de se expressar na democracia seja nas eleições” (argumento ressaltado pelo jornal), “o que procuramos é uma maneira de nos expressarmos e sermos ouvidos”, “Estou cansado de ouvir falar à senhora presidente e o seu séquito de aplaudidores eludir falar de inflação, de insegurança, de pobreza, dos aposentados. O povo deve entender que chegou a hora de falar chega” e “vamos a caminho de uma democracia de enfeite”, são alguns dos trechos que o jornal publicou.

No dia 11, todas as cartas de leitores, novamente são focadas no Cacerolazo, nelas se reuniam depoimentos dos próprios participantes do evento que contestam as interpretações do governo (da forma que foram relatadas pelo jornal), apontando que os participantes do evento teriam sido *ultradireitistas*, e reforçando a interpretação de que os manifestantes se expressaram “sem raiva, mas com firmeza” (nesta edição foi apontado que a presidente se expressava com raiva), assim como as pautas reconhecidas pelo veículo, “é errado ser de classe média?”, falaram.

O impacto da manifestação é apresentado como negativo pela mídia, conforme a análise do Xu (2013). Enfatizam-se, desse modo, os efeitos do evento em termos das complicações no trânsito, do barulho que incomoda as pessoas que vivem e trabalham no local onde teve lugar a manifestação, dos custos extras que o policiamento do evento gerou para o governo, da perda de vendas das lojas, da falta de patriotismo, do ataque aos interesses nacionais e do confronto aos valores das famílias e das comunidades onde o evento ocorre.

Em relação com esta dimensão, nas matérias esse aspecto não teve destaque. O impacto negativo não é ressaltado, sendo apontado, inclusive, que as críticas ou observações negativas são feitas pelo governo para desvalorizar a manifestação. Inclusive o jornal desenvolve uma defesa dos manifestantes diante das críticas (seu vínculo ideológico com a direita conservadora e de classes altas) sem fazer referência às complicações no trânsito nem à sujeira produzida no evento.

---

<sup>40</sup> Se referindo à fragata Libertad, retida em um porto de Ghana, por conta de um processo iniciado pelos fundos abutres contra a Argentina

Nesse sentido a coluna do Van Der Kooy, no dia 9, faz uma crítica ao governo por aquela interpretação do protesto (“suposta filiação direitista e com a ditadura”), mas o que se destaca é a sua defesa da “espontaneidade” (“o governo objetou a falta de espontaneidade”, “é verdade que foram organizadas, mas as usinas foram as redes sociais”). Ali o autor da coluna adiciona também o cansaço, a mentira e a “liberdade vigiada” às demandas principais. O autor reconhece que o “mal-estar social” expresso no protesto está vinculado aos protestos anteriores (e só aumenta em relação a eles), e aponta que a oposição deveria aproveitar o descontentamento para achar a trilha perdida.

Já no dia 10, o jornal continua com a sua interpretação, colocando na capa a centralidade para a resposta (ou falta dela) do governo: “Cristina tentou minimizar o massivo protesto” (título da capa), e a foto principal fez referência a outro tema, as inundações acontecidas na capital. A interpretação do veículo é que a demanda é por “ser ouvido” e que o “governo não escuta”. Diversas notícias do dia repetiram o argumento da “demanda por escuta” colocada na capa, inclusive, apontando que “a oposição pediu que o governo escutasse as demandas das pessoas”, e colocando alguns depoimentos de políticos opositores.

O impacto da manifestação continua sendo interpretado como as respostas (esperadas) do governo, e no dia 11 o “semáforo”<sup>41</sup> sinaliza com o vermelho a presidente Cristina Kirchner quem aparece numa nota intitulada “não ouve, mas responde”. Na nota coloca-se que “desvalorizou as reivindicações, saiu pra ratificar em um discurso os supostos resultados da sua administração”, o argumento também é repetido em outras matérias do jornal.

Posteriormente, em 12 de outubro, uma pequena nota refere-se também à falta de reação de Cristina sobre o Cacerolazos, comparando-a com a falta de reação que teria tido Menem quando Fernando De La Rúa ganhou a prefeitura da cidade de Buenos Aires (De La Rúa utilizaria essa prefeitura como trampolim para vencer nas eleições presidenciais de 1999). A referência aos impactos do Cacerolazos começa a ser usada como sinônimo de grande importância em outras matérias. Nesse dia, teve lugar a partir da ótica da estratégia de mobilização dos sindicatos antikirchneristas, que estavam organizando uma série de medidas de força para levar à frente antes do fim do ano. Ricardo Capena, também editorialista e autor da matéria, se põe na pele do sindicalista e diz: “(após o sucesso do 8N) Moyano sabe que [...] a paralisação nacional de 24 horas deverá ser muito efetiva para que a sua figura não fique ferida”.

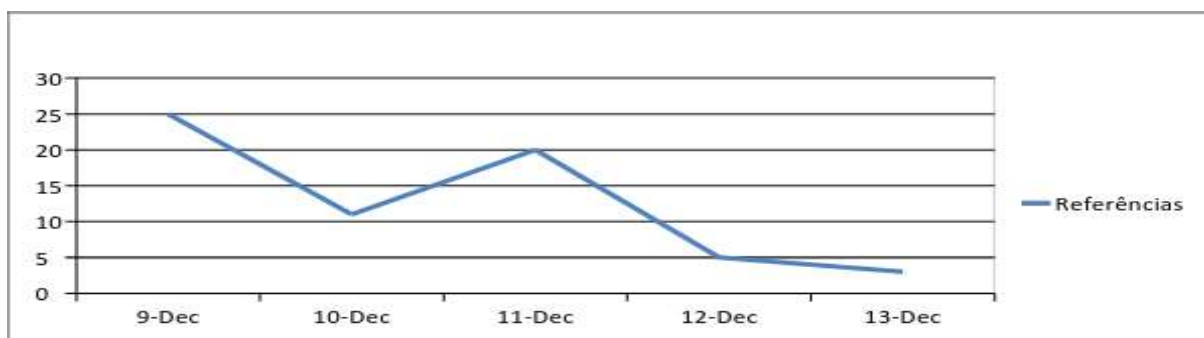
Já no dia 13, quando o tema definitivamente perde centralidade e é substituído pela insatisfação das centrais sindicais, são feitas ainda algumas das referências ao evento de maneira secundária. O protesto aparece dentro de matérias focadas e outros temas, por exemplo, relatando as atividades do governador do estado de Buenos Aires, que estava se posicionando para as eleições presidenciais de 2015 como sucessor de Cristina (finalmente

---

<sup>41</sup> Semáforo ou sinal é uma seção do jornal na que tem destaque três matérias do dia. Colocando-se as cores vermelho, amarelo e verde para avaliar o comportamento de atores políticos e sociais, sendo o vermelho a representação do rechaço.

candidato do partido me 2015): “depois de acompanhar Cristina, horas antes e horas depois do Cacerolazo do 8N, em atos, Daniel Scioli tomou algo de distância da Casa Rosada...”.

Gráfico 1- Evolução da cobertura sobre o 8N no tempo



Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

O material da mídia utilizado no artigo foi organizado seguindo a tipologia utilizada na dissertação a qual foi adaptada a partir da dissertação do Eduardo Fernandes (2016):

Quadro 1: Cobertura do Clarín sobre o Cacerolazo do 8-11-2012

	6ta 9-11	Sábado 10-11 <sup>42</sup>	Domingo 11-11	2ºda 12-11	3ºça 13-11
Capa	Destaque	Tema principal	Tema principal	-	-
Editorial	1	-	-	-	-
Charge interna	1	-	-	-	-
Colunas	3	2	4	2	-
Artigos	4	1	4	1	-
Notícia	7	5	4	2	2
Notas	1	2	1		1
Carta de leitores	7, Todas as publicadas	-	5, todas as publicadas	-	-
Semáforo	-	-	1	-	-

Fonte: elaboração própria com base nas matérias do *Clarín* de 9 de outubro a 8 de novembro.

Quadro 2: Comparação entre a teoria e os achados do campo

Dimensões	Previsão da cobertura para Xu (2013)	Cacerolazos argentinos 2012
Illegalidade/ Baderna	Foco dado à violência ocorrida ou potencial entre	Destaca-se o evento como “manifestação popular”.

<sup>42</sup> É importante destacar que a edição do jornal encontra-se incompleta e não se dispõe do editorial, da charge nem das cartas de leitores que, provavelmente, teriam abordado o Cacerolazo.

	manifestantes e polícia. Incluso das minorias.	Ignora-se a violências de minorias.
<b>Performance</b>	Destacam-se as formas de vestimenta, a imaturidade, e as dissidências internas dos manifestantes.	Diversidade de manifestantes como amostra do desconforto geral. Foco na participação das “famílias”, os “cidadãos de pé”. Multiplicidade de demandas como positivo.
<b>Inefetividade das demandas</b>	Foco nas demandas irracionais/ que geram conflitos internos. Foco nas demandas radicais ou “engraçadas”.	Demandas não são “ouvidas” pelo governo, pela incapacidade própria e não porque elas não sejam razoáveis ou sérias.
<b>Desaprovação pública</b>	Foco na baixa representatividade do evento. Comentários negativos dos espectadores e vizinhos. Enquetes mostram a baixa adesão do público.	Foco na massividade do evento. Não há desaprovação pública. Enquetes mostram a queda da imagem do governo. Mostra-se a diversidade de locais em que a manifestação teve lugar, foco na abrangência.
<b>Fontes oficiais</b>	Fontes oficiais, depoimentos de policiais ou autoridades políticas.	Depoimentos de participantes e políticos opositores. A aparição da polícia teve lugar para mostrar o conflito entre o governo federal e o da cidade de Buenos Aires.
<b>Impacto da manifestação</b>	Negativo. Complicações no trânsito, perda de vendas dos comércio e custos da mobilização para a prefeitura.	O impacto negativo não tem destaque. Inclusive, quando referido pelos funcionários governistas é criticado pelo jornal.

Fonte: Elaboração própria.

### Conclusão

Da análise das matérias, extrai-se que a manifestação teria apresentado como características principais não ser partidária e não possuir organizações formais “por trás”, sendo convocada e articulada a partir das redes sociais. É, portanto, considerado um movimento autenticamente cidadão. O jornal também se ocupa em qualificar a participação da “cidadania” frente à participação dos “militantes” como mais positiva e “autêntica”, já que estes não teriam se mobilizado por interesses “pessoais” e sim olhando para o bem-estar geral. O jornal vincula as características “cidadãs” com atitudes democráticas, conciliadoras, dialógicas, populares (gerais) em contrapartida com (embora não dito explicitamente) as características negativas das manifestações políticas e, particularmente, governistas (onde os manifestantes seriam levados em ônibus e receberiam “um cachorro-quente e uma coca”<sup>43</sup> em pagamento).

<sup>43</sup> A frase original em espanhol é “Un pancho y una coca”.

Além disso, tem destaque a passividade no desenvolvimento do protesto, que não acarretou atos de vandalismo nem conflitos com a polícia. Os impactos negativos do evento e os conflitos violentos não são noticiados pelo jornal, em parte, porque não aconteceram. Fora alguns atos pontuais contra jornalistas da mídia governista, não se registraram atos de violência no evento e os xingamentos contra a presidente e seus ministros não foram considerados formas de violência. Também deve-se salientar que os governos Kirchner tiveram sempre a decisão de não reprimir os protestos sociais e, portanto, durante o período das três presidências, o conflito com a polícia perdeu centralidade, assim a falta de confrontos no Cacerolazo não é um dado particular dele.

Há também, na cobertura dos Cacerolazos, um sentido do “dever ser”, normativo, estranho às publicações jornalísticas, desde que é noticiada a “não notícia”, o que “não aconteceu”. A edição de 10 de novembro foca-se no que o governo (e a Presidente) não fez ou não falou, dando por certo que ele “tinha” que reagir à mobilização, uma ideia que não se acha presente diante de outras mobilizações. A notícia foi que não aconteceu o esperado.

Conforme passam os dias, o jornal esquece as características da mobilização e foca-se no seu “grande impacto” e as críticas para o governo por não reagir da forma que eles “mandam”.

Em síntese, a cobertura feita pelo *Clarín* em relação ao Cacerolazo contradiz todos os pressupostos da teoria no que diz respeito ao *paradigma do protesto* e à sua pressuposta visão negativa. Para cada uma das dimensões apontadas por Kaibin Xu (2013), foi mostrado que o veículo teve uma atuação contrária à predita pela teoria.

Acreditamos que, como dito inicialmente, a análise das interpretações midiáticas sobre o protesto social tem que partir da interpretação e o entendimento do contexto em que tiveram lugar. A mídia corporativa, como um ator social qualquer e como uma grande empresa que é, age na defesa dos seus interesses particulares, os quais estavam sendo desafiados ou ameaçados pelo governo da presidente Cristina Kirchner. Na época estava sendo analisada no judiciário a lei que limitava a concentração midiática na Argentina e que teria significado para o *Clarín* a obrigação de ter que se desfazer da maior parte das suas licenças de rádio e televisão.

Combater a legitimidade do governo que aprovou essa lei era, para o *Clarín*, fundamental para a defesa dos seus interesses, de fato, após o Supremo Tribunal Federal reconhecer a constitucionalidade da lei, em 29 de outubro de 2013, o grupo conseguiu suspender a aplicação da norma a tempo suficiente para chegar às eleições de 2015 sem ter se adequadamente. Nas eleições venceu o candidato contrário à Cristina Kirchner e aliado do *Clarín*, Mauricio Macri, que logo no início do seu governo (antes do terceiro dia) assinou um decreto desabilitando a lei.

## REFERÊNCIAS

BAYLOR, T. Media Framing of Movement Protest: the case of american indian protest. *The Social Science Journal*, v. 33. N° 3, p. 241–255, 1996.

DE LIMA, V. A direita e os meios de comunicação. In: ABRAMO, E. F. P. (Org.). *Direita, volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: [s.n.], 2015. p. 91–114.

DETENBER, B.; GOTLIEB, M.; MCLEOD, D.; MALINKINA, O. *Frame intensity Effects of television news stories about a high-visibility protest issue*. [S.l.]: Routledge, 2010.

FRANCO LERRER, D. Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum. *Revista Nera*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005

GAGO, V. A política dos muitos. *Nueva Sociedad*, 2014.

KENNETH, A.; CAREN, N. Making the News: Movement Organizations, Media Attention, and the Public Agenda. *American Sociological Review*, p. 841–866, 2010.

KOOPMANS, R. Movements and Media: Selection Processes and Evolutionary Dynamics in the Public Sphere. *Theory and Society*, v. 33, n. 3/4, p. 367–391, 2004. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4144877>>.

LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 21, p. 73–92, 2005.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 155–184, 2002.

MORAES, D. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: BOITEMPO (Org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: [s.n.], 2013.

NOGUEIRA PRADO, G. Mídia corporativa: a catraca da democracia. *Uninomade*, 2014.

RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço dos interesses privados? In: BOITEMPO (Org.). *Mídia, Poder e Contrapoder - da Concentração Monopólica À Democratização da Informação*. São Paulo: [s.n.], 2013.

WOLF, M. Mass media: contextos e paradigmas. Novas tendências. Efeitos a longo prazo. *O newsmaking*. p. 397–398, 1999.

XU, K. Framing Occupy Wall Street: A Content Analysis of The New York Times and USA Today. *International Journal of Communication*, p. 2412–2432, 2013.